

## PRÁXIS TEOLÓGICA: A POBREZA E SUAS MULTIFACETAS

Sandro Santos da Rosa \*

### Resumo

O artigo aborda sobre o desafio teológico na atuação junto à pobreza e seus múltiplos contextos. É inevitável tratar do tema em questão sem confrontar com a Teologia da Libertação (TdL), marco na teologia latino americana, sendo os pobres os que ocupam um lugar central da sua reflexão. Metodologicamente, a revisão bibliográfica identificará alguns tipos de “pobreza” que não são necessariamente os materiais, mas morais, como a sexualidade e o uso abusivo de psicoativos, a exemplo, que acabaram por momentos exteriorizados nas reflexões da TdL. O artigo conclui que a não identificação das várias facetas do “pobre” corrobora para uma análise superficial que pode acarretar em intervenções limitadas por pessoas ou instituições como a Igreja. Não obstante, propõe-se, à luz do evangelho de Cristo, que a teologia busque incessantemente dissecar os múltiplos contextos dos plurais e ainda não instituídos historicamente na sociedade, para uma práxis que contemple os anseios do nosso tempo.

**Palavras-chave:** Contextos da pobreza 1. Teologia 2. Práxis 3.

### Abstract

The article talks about the theological challenge in the performance within poverty and its multiple contexts. It is inevitable to address this issue without confronting it with the Liberation Theology (LT), a mark in the Latin American theology, and the poor is the one who occupies a central position in its thinking. Methodologically, the literature review will identify some types of "poverty" which are not necessarily the material ones, but moral, such as sexuality and abuse of psychoactive drugs, and, for a moment, these ended up being exteriorized in the reflections of Liberation Theology. The article concludes that the failure to identify the various facets of the "poor" corroborates a superficial analysis that can result in limited interventions by persons or institutions like the Church. Nevertheless, it is proposed that, in the light of the Gospel of Christ, theology must endlessly seek to dissect the multiple contexts of the plural and not yet historically established in society, for a practice that addresses the concerns of our time.

**Keywords:** Contexts of poverty 1. Theology 2. Praxis 3.

### Considerações iniciais

Para a elaboração deste trabalho usou-se como metodologia a revisão bibliográfica e eletrônica virtual. Foram estabelecidos três tópicos para apresentar o tema. O primeiro delimita-se em estabelecer de que maneira o uso de substâncias psicoativas é um dos principais problemas sociais da atualidade. No tópico

---

\* Mestrando em Teologia pela Faculdades EST sob a orientação do Professor Dr. Júlio Cezar Adam e co-orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Laura Franch Schmidt da Silva, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Musicoterapeuta formado em 2009 pela mesma instituição de ensino. E-mail: sandromusik@hotmail.com

intermediário, explana-se as características, o terreno e alguns “porquês” sobre o alastramento das formas de pobreza. O saber teológico, especialmente a Teologia da Libertação, suas contribuições e restrições nas problemáticas que envolvem o uso abusivo de substâncias psicoativas, entre outras problemáticas, é o tema abordado no terceiro e último tópico. Edifica-se essa reflexão, por ser a Teologia uma área de saber das ciências humanas que tem como objeto de estudo e intervenção, a relação do ser humano com Deus, confrontando em busca de respostas que inteirem e respondam às fragilidades e demandas existenciais do ser humano.

### **1 Uso abusivo de substâncias psicoativas: uma realidade a ser superada**

Há de se considerar que em nossa sociedade, o uso abusivo de substâncias é um problema que não pode ser homogeneizado. O uso de drogas e seus significados se modificam de sujeito para sujeito, de grupo para grupo, ainda que dentro de uma mesma cultura e contexto social. Mesmo assim, é necessário que se tenha conhecimento do entorno que leva o ser humano na sua individualidade e identidade a fazer uso de substâncias psicoativas. É árdua a análise de enfrentamento ao uso abusivo de psicoativos, sendo ela preventiva e/ou de enfrentamento ao uso recorrente, por ser uma problemática de ramificações individuais fundidas por uma sociedade problemática.<sup>1</sup>

Questiona-se incessantemente sobre as nuances que fazem do uso abusivo de substâncias psicoativas, como o uso do *crack*, ser uma epidemia que ignora idade, etnia, escolaridade e classe social. Especialistas e mais especialistas discutem o aumento expressivo da droga nos últimos anos, especialmente na última década. Intermitentemente, o *uso abusivo* é decorrente de *uma* experimentação que não pode ser ignorada. Segundo a OMS (1974) os principais motivos para experimentação de substâncias psicoativas são:

- a- satisfação de curiosidade a respeito dos efeitos das drogas ;
- b- necessidade de participação em um grupo social ;
- c- expressão de independência ;
- d- ter experiências agradáveis, novas e emocionantes ;
- e- melhora da “criatividade”;
- f- favorecer uma sensação de relaxamento ;
- g- fugir de sensações / vivências desagradáveis .

---

<sup>1</sup>BRASIL. Ministério da Saúde. *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2010.

Ainda segundo a Organização Mundial da Saúde (1981), os principais fatores de risco para o consumo são:

- a- indivíduos sem adequadas informações sobre os efeitos das drogas;
- b- saúde deficiente;
- c- insatisfação com sua qualidade de vida;
- d- personalidade deficientemente integrada;
- e- com facilidade de acesso às drogas.<sup>2</sup>

Posterior a isso, se faz outro questionamento que refere-se aos motivos sociais que fazem com que a experiência torne-se uso abusivo de substâncias. Parte das justificativas toma como base analítica o contexto sócio político que reforça os valores baseados no consumismo e prazer imediatista, ambos produzidos pela máquina capitalista, associados também à pauperização de importante parcela da população em todo mundo. Dentre os vários fatores citados acima sobre os riscos para o consumo e motivos do uso, alguns se têm destacado nos estudos feitos em torno do uso do *crack*, tais como: 1) insatisfação na qualidade de vida; 2) facilidade de acesso às drogas. De qualquer forma, a realidade brasileira revela que já não se pode dizer que os psicoativos, em geral, são consumidos apenas pela população carente, mesmo sendo essa a mais propensa e tendo maior número de dependentes do *crack*, a droga mais letal e uma das mais baratas, sendo também a que mais se alastrou, tendo dela o maior número de dependentes, causando, entre outras drogas, o maior número de mortes na última década, fazendo da sociedade uma “presa” fácil.<sup>3</sup>

Sobre o *crack*, no Brasil, 1,2 milhões de brasileiros já estão viciados na droga, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O país detém 81, 7% das apreensões da droga na América do Sul, de acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (Unodoc) e 300 mil pessoas vão morrer nos próximos seis anos, segundo a estimativa de especialistas no assunto, sendo majoritariamente afetadas, pessoas em vulnerabilidade pessoal e social.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup>LIMA, Elson S., AZEVEDO, Renata Cruz S. (Orgs). *Programa de prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na Unicamp*. Disponível em: <http://www.prdu.unicamp.br/vivamais/Projeto.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2011.

<sup>3</sup>LIMA, Elson S., AZEVEDO, Renata Cruz S. (Orgs). *Programa de prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na Unicamp*. Disponível em: <http://www.prdu.unicamp.br/vivamais/Projeto.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2011.

<sup>4</sup>COLEÇÃO VOCÊ E SUA SAÚDE ESPECIAL. *Crack. É possível vencer a droga*. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, Nº 01. p. 28.

Segundo as *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*, elaboradas pelo Ministério da Saúde, a vulnerabilidade pessoal está associada ao comportamento de cada indivíduo, que depende, portanto, do grau e da qualidade da informação que os indivíduos dispõem, da sua capacidade de elaborar essas informações e incorporá-los ao seu repertório cotidiano e, também, das possibilidades efetivas de transformar suas práticas. A isso, está relacionado também, o grau de consciência e, de certa forma, importância que os indivíduos têm e dão às práticas, concebidas moralmente, indevidas e danosas, como o uso abusivo de substâncias.<sup>5</sup>

Ainda segundo as políticas do Ministério da Saúde, a vulnerabilidade social é compreendida da seguinte forma:

No plano social, a vulnerabilidade está relacionada a aspectos sócio-políticos e culturais combinados, como o acesso a informações, grau de escolaridade, disponibilidade de recursos materiais, poder de influenciar decisões políticas, possibilidades de enfrentar barreiras culturais etc. A vulnerabilidade social pode ser entendida, portanto, como um espelho das condições de bem-estar social, que envolvem moradia, acesso a bens de consumo e graus de liberdade de pensamento e expressão, sendo tanto maior a vulnerabilidade quanto menor a possibilidade de interferir nas instâncias de tomada de decisão. Para avaliar o grau de vulnerabilidade social é necessário conhecer a situação de vida das coletividades através de aspectos como: a) legislação em vigor e sua aplicação; b) situação de acesso aos serviços de saúde por parte das pessoas de diferentes extratos sociais; c) qualidade dos serviços de saúde aos quais se tem acesso.

A partir disso, o próximo tópico tratará de expor algumas características de como se concretiza a pobreza como um todo.

## **2 De onde emerge a pobreza**

As condições de vulnerabilidade encontram seu terreno na geografia da pobreza que, por ser complexa, não pode ser compreendida através do estudo isolado de fragmentos de informações, mas somente por um exame do contexto responsável por uma determinada combinação.<sup>6</sup> A partir disso, no presente escrito, toda e qualquer menção à pessoa pobre ou à pobreza estará relacionada de

---

<sup>5</sup>BRASIL. Ministério da Saúde. *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2010.

<sup>6</sup>MILLÉO, José Carlos. *A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica*. Niterói: s.n., 2005. p.71.

maneira geral às pessoas que se enquadram no perfil das vulnerabilidades pessoal e social.

Luis Ugalde entende que os três componentes principais da pobreza são: 1) Carência de emprego de qualidade; 2) Carência de serviço público de qualidade; 3) E o próprio aumento da pobreza. A combinação desses três fatores corroborou para o avanço da pobreza em nível mundial. Em 1996, o autor considerara que a pobreza não é um problema social, não é um problema político, não é um problema familiar. É tudo isso, mas sobre tudo é problema de sabedoria humana ou de insensatez na ordenação integral dos meios para produzir vida para todos. A realidade latina americana (1996) revela que essa pobreza não é apenas indígena e rural, mas sim uma pobreza urbana que está crescendo, a neopobreza.<sup>7</sup>

Somadas às situações de pobreza, os espectros da violência são condicionantes sociais que devem ser levadas em consideração quando tratamos do uso abusivo de substâncias. Entre 1980 e 1997, período de investimento na construção da democracia pós-ditadura militar, haveria crescido o acesso a armas de fogo, a presença do narcotráfico, em particular nas zonas de pobreza de muitas áreas urbanas, construindo dessa forma, um “paradoxo” na sociedade brasileira, no sentido de coexistirem “uma definição estrita das garantias constitucionais e uma cidadania fraca”, estruturando assim, a fragilidade da consolidação da cidadania no país. Dessa forma, entende-se que pessoas pobres estão mais suscetíveis ao uso de substâncias, por sua condição social ser-estar estruturada num contexto que engloba as condições de vulnerabilidade aliada ao narcotráfico e à violência.<sup>8</sup>

Retornando à particularidade do *crack*, com o alastramento e a facilidade em se conseguir a droga, a rota de consumo já se modificou e muitos usuários “pulam” etapas. “Há, sim, pessoas que se atrevem a experimentar de cara o *crack*, apesar de o caminho geralmente começar na bebida. Essa precipitação tem a ver com a disponibilidade dessa droga” afirma Carlos Salgado, psiquiatra e presidente da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e outras drogas (Abead). Isso tem a ver com o contexto onde a pessoa está inserida. Na rua, por exemplo, a cola se faz muito presente. Hoje, o *crack*, também. A incidência de usuários não pertencentes

---

<sup>7</sup>UGALDE, Luis. Teología y superación de la pobreza. *ITER: Revista de teología*. Vol./NO. 7/2, 1996. p. 131-135.

<sup>8</sup>ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002. p. 23.

necessariamente à classe pobre se dá devido ao baixo custo da droga em relação à cocaína, por exemplo.<sup>9</sup>

De qualquer forma, quando se trata da epidemia do *crack*, se trata de uma epidemia que alastra-se entre os pobres, sendo eles, como já dito, a maioria dos atingidos por ela. Os impactos da pobreza econômica que não sempre, mas muitas vezes, acaba resultando os outros tipos de pobreza, intelectual e espiritual, a exemplo, se fazem sentir em diversos setores. Na família, constata-se o seu progressivo debilitamento. Cresce o número de famílias incompletas e se observa uma renúncia em formar famílias. É crescente a dificuldade da família pobre em proporcionar uma infância normal, o que tem efeitos diretos na educação. Pessoas sem família, ou com a família frágil, são sinônimos de pessoas vivendo nas ruas e/ou suscetíveis ao uso de substâncias. Exortar a tensão em torno das dificuldades de sobrevivência é um dos motivos que levam cada vez mais pessoas à morte e à debilitação física e mental pelo uso abusivo de substâncias psicoativas.<sup>10</sup>

Em determinada ótica, prevenir ou combater a realidade do *crack* pode ser evitar ou recolher, respectivamente, o único objeto de satisfação que o indivíduo, no seu entendimento e realidade, pode ter na vida, a droga. A partir disso, questionamentos pertinentes podem ser feitos. O que se dá em troca da droga? Como a teologia e sua práxis podem auxiliar na atenção de indivíduos que fazem uso abusivo de substâncias? Ela está apta a isto? Sua construção histórica permite?

### **3 A práxis teológica e sua relação com a temática que envolve o abuso de substâncias e as multifacetas da pobreza**

A teologia, de maneira geral, tem como objeto de interesse, o ser humano e as nuances em torno de sua existência, bem como, sua relação com o divino, a transcendência. Seu objetivo é estudar e intervir nessa relação existencial, confrontando com as fragilidades do ser humano, baseada numa perspectiva e entendimento de divindades.<sup>11</sup> Dessa forma, pode-se dizer que o uso abusivo de substâncias psicoativas e suas implicações são ou deveriam ser, objeto de interesse

---

<sup>9</sup>COLEÇÃO VOCÊ E SUA SAÚDE ESPECIAL. *Crack. É possível vencer a droga*. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, Nº 01. p. 6.

<sup>10</sup>KLIKSBERG, Bernardo. *América Latina : uma região de risco, pobreza, desigualdade e institucionalidade social*. Traduzida por Norma Guimarães Azeredo. Brasília: UNESCO, 2002.

<sup>11</sup>ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da primeira edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 1119.

da teologia, por demandar e estruturar uma das mais fortes fragilidades do ser humano, estando a sociedade à mercê das drogas e das problemáticas em torno delas, especialmente as que envolvem o *crack*, como já tratado.

É inevitável tratar do tema em questão e sua relação com o fazer teológico sem confrontar com a Teologia da Libertação (TdL), marco na teologia latino americana, sendo os pobres os que ocupam um lugar central da sua reflexão. Na TdL, o compromisso preferencial pelos pobres está enraizado no coração da pregação bíblica. O reino de Deus é um dom gratuito que apresenta exigências para aqueles que o recebem na infância espiritual, dessa forma, a pobreza real (econômica - física), sempre foi um desafio para a Igreja no decorrer de sua história, – que devido a certos fatores contemporâneos (a partir da década de 70, como a “drogadição”) vem cobrando nova atualidade entre os teólogos da libertação.<sup>12</sup>

A TdL propõe a irrupção dos pobres, que compreende a nova presença daqueles que estavam ausentes na sociedade e na Igreja. Ausentes, nesse contexto quer dizer, nenhuma ou escassa significação, ademais, aqueles que não têm possibilidades de manifestar, por si mesmos, seus sofrimentos, suas solidariedades, seus projetos, suas esperanças, sendo esse, o aspecto principal do presente trabalho, na tentativa de ver e apontar na teologia da libertação, suportes necessários para um fazer e pensar teológico que contribua junto às outras áreas de conhecimento na “atenção” às pessoas em situações de risco.<sup>13</sup>

Epistemologicamente, a ideia, entre outras, que mais aparece em torno da TdL, sendo também, a que mais toca, é a ideia de que a opção fundamental pelos pobres exige viver para eles, viver com eles. Obviamente, esse pressuposto da Teologia da Libertação faz pensar sobre a dimensão e o real compromisso de um fazer teológico junto aos pobres. Leva à luz do pensamento, as formas, causas e consequências da pobreza que “ataca” nossa sociedade. Amplamente tratando, as nuances acerca da super produção, consumo, riqueza e bem estar de alguns, em detrimento do demasiado sofrimento de outros.<sup>14</sup>

Para nenhuma ferramenta analítica e/ou disciplina de estudo foi e é tarefa fácil, tratar da pobreza e sua estrutura. Para a TdL, isso não é diferente. Povos

---

<sup>12</sup>GUTIERREZ, Gustavo. Pobres y opción fundamental. In: ELLACURÍA, Ignacio, SOBRINO, Jon (Eds.). *Mysterium liberationis: conceptos de La teologia de la liberación*. Tomo 1. Madrid: Ed. Trotta, 1990. p. 303.

<sup>13</sup>GUTIERREZ, 1990. p. 303.

<sup>14</sup>BOFF, Leonardo. Teologia da opção preferencial pelos pobres. *Grande sinal*. Petrópolis, v. 38, n. 7, set. 1984. p. 541.

dominados, classes sociais exploradas, depreciadas e culturas marginalizadas, compõem uma fórmula frequente, somadas à discriminação da mulher, para se falar da injusta situação dos pobres no marco da teologia da libertação. Dessa forma, a TdL buscou notar que “esse” pobre vive uma situação de desumana miséria, e de pobreza antievangélica. Através dessa reflexão e dos numerosos e crescentes compromissos com o pobre, notar-se-ia melhor a complexidade de seu mundo, na qual o aspecto socioeconômico, não é o único. A pobreza significa, em última instância, a morte.<sup>15</sup>

A TdL propõe, entre outras, muitas provocações – a exemplo, que se veja a pobreza com os olhos do pobre, para que se possa pensar a partir de seu lugar social, descobrindo sua força, sua fragilidade, sua resistência, sua coragem, sua criatividade. É necessário assumir a causa do pobre, sendo essa, os meios da vida, como trabalho, alimentação, vestuário, moradia, educação e saúde, sendo de suma importância também, a identificação dos mecanismos que geram o empobrecimento para que se possa intervir no objetivo de melhorar a qualidade de vida do pobre.<sup>16</sup>

No marco da TdL, a análise em torno da pobreza não depende de uma única ferramenta analítica. A pobreza compreende uma série de fatores. A análise social deve estar incorporada de valiosas perspectivas das ciências humanas (sociologia, psicologia, etnologia, antropologia, etc), para que se possa fazer exame de uma realidade intrínseca e móvel, intercruzando informações. Os fatores culturais, por exemplo, permitem adentrar e entender mentalidades e atitudes que explicam importantes aspectos da realidade. Ratificando, é necessário então, que se faça a análise da pobreza, olhando por e de diversos campos de conhecimento, para que se possa fazer uma análise estrutural que compreenda os vários aspectos que corroboram para a configuração de cada realidade e tipo de pobreza.<sup>17</sup>

Mesmo com todo o empenho da TdL no que condiz às nuances em torno da pobreza, há ainda algumas categorias que revelam pobreza, mas que foram deixadas de lado, tais como: a discussão sobre os temas do corpo, o desejo, os impulsos, transgressões, etc. Estas “categorias” de pensamento nunca fizeram parte do discurso das teologias da libertação na América Latina. O corpo concreto, que se relaciona com o prazer, como no caso das substâncias psicoativas, foi esquecido,

---

<sup>15</sup>GUTIERREZ, 1990. p. 304.

<sup>16</sup>BOFF, Leonardo. A teologia a partir da ótica dos pobres (Editorial). *Concilium*. Petrópolis, v. 207, n. 5, 1986. p. 3-5.

<sup>17</sup>GUTIERREZ, 1990. p. 307.



escondido, negado, desprezado, visto como impróprio, desnecessário e meramente acessório tanto para a prática quanto para o discurso teológicos. A partir disso, sendo a pobreza, composta por vários fatores que culminam em realidades diferentes, há também uma pluralidade naquilo que configura o “pobre”. Com os vários desdobramentos em torno da pobreza, o pobre deixa de ser singular. Entendendo e compreendendo as várias facetas da pobreza, obtêm-se também a descoberta, a revelação e o despertar para os vários rostos dos pobres e formas diferentes de ser um.<sup>18</sup>

Jon Sobrino, na sua obra *Fora dos pobres não há salvação* trata entre outros temas, sobre a diversidade, os tipos de pobres. Na sua ótica, é preciso distinguir entre a diversidade de formas de pobreza, tal como vão aparecendo ou sendo percebidas, e a *fundura* humana, antropológica e social de qualquer uma delas e de todas elas em seu conjunto. Ainda, segundo o autor, existem maiorias de seres humanos para os quais o fato de viver é uma carga muito pesada, cujo peso provém não só de limitações naturais, mas sobretudo históricas.<sup>19</sup> Nessa carga se exprime a *fundura* da pobreza, e é a partir desse aspecto que se pode indicar a questão que envolve o uso abusivo de substâncias psicoativas, como uma problemática nas quais os “pobres” que sofrem, são os mesmos atores das “outras” teologias que estão sob o guarda chuva da TdL, como a feminista, a negra e a indígena.<sup>20</sup>

Recorrendo novamente às palavras de Sobrino, o termo genérico “pobreza”, com toda a sua carga e fluidez histórica, é insubstituível para exprimir a negação e a opressão do ser humano, a carência, o desprezo, o fato de muitos milhões de seres humanos não terem palavra nem nome.<sup>21</sup> Dessa forma, o presente escrito propõe que as dimensões das diferentes realidades de pobreza, sejam colocadas como “pano de fundo”, obtendo assim, atenção à particularidade de cada tipo de pobre, para que se possa fragmentar a pobreza em especificidades, no que seria então, uma subdivisão. Exemplo: Por condições históricas, é fato, que a maior parte dos negros no Brasil sofrem discriminação racial e vivem nas periferias, sendo que os principais problemas do contexto periférico da sociedade estão relacionados à violência, narcotráfico e uso abusivo de psicoativos. Dessa forma, as pessoas

---

<sup>18</sup>CARVALHAES, Cláudio. O pobre não tem sexo. *Revista Margens*. São Paulo: ano 3, n. 2, abril de 2006. Disponível em: <www.margens.org.br>. Acesso em 20 de junho de 2011. p. 4.

<sup>19</sup>SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 47-48.

<sup>20</sup>CARVALHAES, 2011. p. 04.

<sup>21</sup>SOBRINO, 2008. p. 50.

negras nessas condições fazem parte de um tipo de “rostos” dos pobres os quais apontam os teólogos da libertação, por estarem vulneráveis às problemáticas. Dentre essas pessoas, existem as que fazem uso abusivo de psicoativos e aquelas com HIV/AIDS, a exemplo, formando uma subdivisão do “tipo” de ser “pobre”, estabelecendo, outro “tipo” de “pobreza”. Ratificando, entre os vários tipos de pobres (negros, por exemplo), há ainda as várias problemáticas e formas de pobreza (“drogadição”, HIV/AIDS, hepatite B, tuberculose, etc).

Se por um lado existe certa crítica em torno da TdL, relacionada ao questionamento sobre qual pobre tratavam os teólogos da libertação (?), por outro lado há ainda, uma lacuna nas teologias feministas, negras e indígenas, tendo-as como exemplo, no que se refere à subdivisão tratada no parágrafo anterior. Enquanto não houver especificidades como a “drogadição”, nos discursos e estudos teológicos que englobam as problemáticas relacionadas a esses públicos, haverá um bloqueio que acaba por “superficializar” o entendimento de todo o enredo que resulta num problema como o uso abusivo de substâncias.<sup>22</sup>

O uso de substâncias por razões não médicas, em uma tentativa de influenciar mente e corpo, alterar emoções e sentidos – a passagem de um padrão eventual, situacional ou ritualizado, no qual está presente o outro (a convivência social), para o estabelecimento de uma dependência em relação à droga, dá-se a partir do momento em que a droga passa a constituir um recurso individual para o amortecimento, para a anestesia das inquietações e angústias do sujeito (desamparo, medos, incertezas, falta de perspectivas...), e é usada como um objeto posição que preenche, ilusoriamente as suas faltas. Frente a isso, a melhor alternativa corresponde ao entendimento contextual de cada grupo e forma de pobreza, para que num segundo momento se possa oferecer algum tipo de atenção.<sup>23</sup>

Teologicamente, referente ao problema da “drogadição”, sua historicidade, configuração e estruturação no seio da sociedade, o passo a ser dado vai de encontro à compreensão que cada uma das teologias (feminista, indígena, negra) deve ter da problemática (psicoativos) aliada com a particularidade dos vários rostos

---

<sup>22</sup> KLIKSBERG, 2002.

<sup>23</sup> SANTOS, Beatriz Camargo dos. Mas que droga de vida. *Crianças e adolescentes em situação de rua*. São Leopoldo, Série cadernos. Centro de defesa da criança e adolescente Bertholdo Weber, 2004.

dos “seus pobres” (mulheres em situação de violência, indígenas/inculturação, negros/discriminação).

Num âmbito geral, tratar do uso abusivo de psicoativos como problema, sem considerar os tipos de pobreza (violência, discriminação, desamparo) que resultam em problemáticas, corrobora para o entendimento superficial, ou, o não entendimento da situação específica e do contexto que contribui e traz consigo a pré-disposição ao uso recorrente de substâncias psicoativas, diminuindo, por sua vez, as chances de que se possa intervir com êxito na atenção às pessoas suscetíveis ou já doentes.

A sociedade, com toda a sua “super”, “mega”, “hiper” modernidade, como sugere o filósofo francês Sébastien Charles,<sup>24</sup> se depara com uma situação incontrolável, a “drogadição”. Baseada na afirmação de Gustavo Gutierrez, de que “o mundo moderno não tem necessidade de uma interpretação vinda de fora (religiosa, por exemplo), pois o mundo é auto-suficiente na compreensão que tem de si mesmo”,<sup>25</sup> pode-se colocar a seguinte provocação: o mundo é *auto-suficiente* na compreensão *insuficiente* que tem de si mesmo. Nessa provocação pode encontrar-se a demanda religiosa tão forte quanto já foi outrora, em profunda interação teológica, política e social com uma sociedade que “super” desenvolve-se (tecnologia, comunicação, etc.) dia após dia, mas que não consegue e/ou não quer resolver problemas originados e/ou disseminados por ela mesma. Dessa forma, a teologia precisa adentrar não só o campo onde há terra (mas não para cultivo dos pobres), mas também, as veias dos grandes centros de opressão e marginalização, dissecando os múltiplos contextos dos plurais e ainda não instituídos historicamente na sociedade.<sup>26</sup>

### Consideração finais

Não é difícil encontrar opiniões populares, religiosas e mesmo técnicas, que indiquem o uso abusivo de substâncias como sendo uma consequência relacionada à transgressão de “um” indivíduo. Quando se trata das questões que envolvem a dependência química, há “fumaça” de uma indicação coletiva de que a culpa, pela

<sup>24</sup>CHARLES, Sébastien. *As doenças da pós modernidade*. Palestra ministrada na 56ª Feira do Livro de Porto Alegre, 14 nov. 2010.

<sup>25</sup>GUTIERREZ, Gustavo. A teologia a partir do reverso da história. In: Id. *A força histórica dos pobres* (La fuerza histórica de los pobres). Petrópolis: Vozes, 1981 (1977). p. 261

<sup>26</sup>UGALDE, 1996. p. 145.

condição de dependência, é única e exclusiva do sujeito que está sofrendo por essa condição. Caso contrário, não ouviríamos a expressão desleixada: *Aquele (aquilo, ele) é um drogado!*

A palavra “um” não aparece na frase aleatoriamente. Ela aparece impregnada de rechaço e “culpabilização” apontados à pessoa que faz uso abusivo de substâncias psicoativas, que no contexto desse escrito foi caracterizado como uma das formas de pobreza. No contexto em questão, a palavra “um”, também pode ser percebida com resquícios de individualização: *o problema é dele*. Então, tratar sobre a temática que engloba o abuso de psicoativos, em primeira mão, é não julgar e concluir equivocadamente, e sim, compreender de que forma as substâncias psicoativas acabam sendo uma das alternativas, senão a única, para que indivíduos, na sua grande maioria em situação de risco, suportem, passem e sobrevivam aos “sombrios” dias de *suas* existências.

Não obstante, ver, julgar e agir as multifacetadas da pobreza, significa para a TdL, em primeira mão, manter, reformular (sempre) e (r)estabelecer o real compromisso com os pobres – compromisso de entrega, de ações consisas e não discursivas, fazendo jus à proposta e à sua própria história. Significa, outrossim, discutir e lutar por uma realidade melhor, por uma sociedade mais digna, que não veja no outro, apenas um outro, mas sim, um ser humano.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da primeira edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BOFF, Leonardo. A teologia a partir da ótica dos pobres (Editorial). *Concilium*. Petrópolis, v. 207, n. 5, 1986.

\_\_\_\_\_. Teologia da opção preferencial pelos pobres. *Grande sinal*. Petrópolis, v. 38, n. 7, set. 1984.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2010.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

*Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.719-731

CARVALHAES, Cláudio. O pobre não tem sexo. *Revista Margens*. São Paulo: ano 3, n. 2, abril de 2006. Disponível em: <[www.margens.org.br](http://www.margens.org.br)>. Acesso em 20 de junho de 2011.

CHARLES, Sébastien. *As doenças da pós modernidade*. Palestra ministrada na 56ª Feira do Livro de Porto Alegre, 14 nov. 2010.

COLEÇÃO VOCÊ E SUA SAÚDE ESPECIAL. Crack. *É possível vencer a droga*. São Paulo: Editora Minuano, Ano I , N° 01.

GUTIERREZ, Gustavo. A teologia a partir do reverso da história. In: Id. *A força histórica dos pobres* (La fuerza histórica de los pobres). Petrópolis: Vozes, 1981 (1977).

\_\_\_\_\_. Pobres y opción fundamental. In: ELLACURÍA, Ignacio, SOBRINO, Jon (Eds.). *Mysterium liberations: conceptos de La teologia de la liberación*. Tomo 1. Madri: Ed. Trotta, 1990.

KLIKSBURG, Bernardo. *América Latina : uma região de risco, pobreza, desigualdade e institucionalidade social*. Traduzida por Norma Guimarães Azeredo. Brasília: UNESCO, 2002.

LIMA, Elson S., AZEVEDO, Renata Cruz S. (Orgs). *Programa de prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na Unicamp*. Disponível em: <http://www.prdu.unicamp.br/vivamais/Projeto.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2011.

MILLÉO, José Carlos. *A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica*. Niterói: s.n., 2005.

SANTOS, Beatriz Camargo dos. Mas que droga de vida. *Crianças e adolescentes em situação de rua*. São Leopoldo, Série cadernos. Centro de defesa da criança e adolescente Bertholdo Weber, 2004.

SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

UGALDE, Luis. Teología y superación de la pobreza. *ITER: Revista de teología*. Vol./NO. 7/2, 1996.